

ENTREVISTA DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL A INFORMAÇÃO MOÇAMBICANA

* ROMPER COM A CULTURA BURGUESA E FEUDAL IMPOR OS VALORES CULTURAIS DO POVO *

Na sua primeira entrevista à Informação Nacional, o Presidente da Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique abordou os seguintes pontos:

- | | |
|--|--|
| ● Estruturação do Partido | ● Perspectivas económicas de Moçambique |
| ● Funções do Partido e funções do Estado | ● Contradições cidade-campo |
| ● Papel da classe operária | ● Prestígio internacional da RPM |
| ● A luta de classes na fase actual | ● A RPM no Movimento Revolucionário Mundial |
| ● O combate cultural no nosso País | ● Situação no Zimbabwe |
| | ● Principais tarefas do Povo moçambicano em 1979 |

O Presidente da Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, concedeu, nos últimos dias do ano de 1978, a sua primeira entrevista à Informação Nacional. No encontro, que durou cerca de três horas, o dirigente máximo da Revolução moçambicana abordou onze temas que lhe foram propostos pelos representantes dos principais órgãos de Informação moçambicanos, e, nas suas respostas, fez uma análise profunda de alguns dos principais aspectos da situação política, económica, social e cultural do nosso País. A entrevista resultou assim num documento com orientações de grande importância para todo o Povo moçambicano. No encontro esteve presente o Secretário do Comité Central da Frelimo para o Trabalho Ideológico e Ministro da Informação, Jorge Rebelo.

E o seguinte o texto da entrevista:

Pergunta: 1978 foi o ano da Estruturação do Partido. De que forma contribuiu a implantação do Partido para a transformação da sociedade moçambicana?

Resposta: Todos nós vivemos esses momentos, momentos exaltantes. A resposta portanto todos nós a podemos dar.

Primeiro, foi definido o critério utilizado para a selecção de membros para o Partido. Numa primeira fase, foi feito o exame rigoroso da vida e do comportamento de cada um, ao nível da estrutura política no local de trabalho e de residência. Foi um levantamento, um recenseamento não somente para admitir membros para o Partido mas também para avaliar as qualidades das pessoas, as suas capacidades, as suas potencialidades, e particularmente as qualidades políticas e morais.

A segunda fase foi a da apreciação de cada candidatura em amplas reuniões da totalidade dos trabalhadores; de modo a que cada um se pronunciasse sobre as candidaturas. Foi o filtro. Vamos lá dizer: esta é uma experiência original da Frelimo; fazer participar todos neste processo, para todos se pronunciarem sobre a vida e sobre a candidatura. Todos se pronunciaram, em

reuniões públicas. Constatou-se que muitos candidatos não têm ainda qualidades. Mas também houve os modestos, que disseram que não tinham qualidades quando o Povo via neles grandes qualidades.

A terceira fase foi a da apreciação final das candidaturas ao nível das brigadas provinciais, as quais, então, já tinham elementos suficientes para admitir ou rejeitar.

Por que é que tivemos de seguir este processo? É que temos consciência de que o Partido não existe em abstracto. Existe através dos seus membros, através do comportamento, da vida, das qualidades dos seus membros. Do seu sentido de responsabilidade, sentido de disciplina, sentido colectivo do trabalho organizado. Ai existe, então, o Partido.

O processo de selecção de membros do Partido garantiu que escolhêssemos os melhores trabalhadores, os mais conscientes, os mais dedicados à causa do Socialismo, à causa revolucionária. Permitiu que escolhêssemos os mais organizados, os mais disciplinados, aqueles que estão profundamente preocupados com a transformação da vida do Povo.

Depois deste processo, os membros do Partido, foram organizados em mi-

lhares de células, do Rovuma ao Maputo, e estão presentes em todas as empresas, serviços, locais de residência. Eles são elementos queridos, elementos respeitados, elementos responsáveis, influentes pelo seu exemplo, gozam da confiança das massas trabalhadoras e do conjunto da nossa sociedade.

Eles são a semente seleccionada que estamos a lançar num terreno fértil. Através de todo este processo já criamos condições para germinarem novas ideias. E quando germinam novas ideias há uma luta permanente contra as ideias velhas, contra os hábitos velhos, contra a cultura velha e surge o combate, para dinamizar e revigorar o que é novo. Novo, com conteúdo revolucionário.

Os membros do Partido estão nas melhores condições para conhecerem os problemas reais da nossa sociedade. Eles são, por isso, a garantia de que as orientações da Direcção correspondam às preocupações e anseios mais profundos do nosso Povo.

Ao longo da luta armada revolucionária do Povo moçambicano, libertámos e desenvolvemos a imensa capacidade criadora do Povo; o grande potencial combativo das massas, nas zonas libertadas. Hoje, com a estrutura-

ção do Partido e a sua implantação em todos os locais e sectores de actividade; essas tradições, esse potencial, transformaram-se já em património de todo o País e garantem a transformação rápida e radical da sociedade moçambicana.

É assim que entendemos a estruturação do Partido e como ela contribuirá para transformar a nossa sociedade.

FUNÇÕES DO PARTIDO E FUNÇÕES DO ESTADO

Pergunta: *Estão a ser criadas ou consolidadas, a todos os níveis, as estruturas do Partido e do Estado. Como se dá, neste processo, a criação de dois aparelhos paralelos que podem tender a confundir as respectivas funções, e como assegurar o papel dirigente do Partido?*

Resposta: Nós começamos por afirmar que não pode haver confusão entre as funções do Partido, e do Estado, que são bem distintas.

No passado, é verdade que algumas estruturas do Partido se encarregaram de passar guias de marcha, resolver problemas sociais, de justiça, casamentos... Houve uma fase em que era o Partido, eram os Grupos Dinamizadores quem fazia isto. Até mesmo punições. Até mesmo casos de desvio de dinheiro, o que já é crime — devia ir para a estrutura administrativa — mas em certa altura era a estrutura política que resolvia. Porquê? Porque não estávamos estruturados, o aparelho de Estado não estava estruturado. Era ainda o aparelho de Estado colonial. Então as populações romperam imediatamente com ele e dirigiram-se à Frelimo, para resolver todos os seus problemas. Isto demonstrava a confiança que as populações tinham na Frelimo.

Hoje as funções já estão bem distintas. O Partido tem a função de perspectivar o nosso processo de desenvolvimento. O Partido dirige o conjunto da nossa sociedade, estabelece as grandes linhas de orientação, define as prioridades e pronuncia-se sobre as principais tarefas.

O Estado exerce a soberania e a autoridade. A defesa da integridade territorial cabe ao Estado. Representar o Povo moçambicano no mundo, no plano internacional, é tarefa do Estado.

O Estado exerce, sobretudo, o poder — o poder político, o poder administrativo. O Estado realiza as tarefas concretas do processo de desenvolvimento. Ao exercer todas estas funções, ele implementa as orientações do Partido.

Como é que vamos definir então o Estado? O Estado é um instrumento do Partido. O Estado não substitui o Partido, nem o Partido substitui o Estado. São coisas distintas.

Na prática quotidiana, o Partido não dirige administrativamente. A sua direcção é, fundamentalmente, política. O Partido educa o Povo, através da sua linha e do comportamento dos seus militantes.

Não compete à Célula do Partido ou ao órgão local do Partido substituir-se à gerência de uma empresa ou à estrutura local do Estado. Compete sim, ao Partido, dinamizar, organizar as massas na realização das tarefas propostas. Dizemos: dinamizar, organizar, enquadrar, no sentido da produção, da produtividade, da consciência de classe.

Por exemplo, é o Partido que decide que a Saúde deve estar ao serviço das

massas. Agora, estabelecer a estratégia, aplicar a decisão, já é o Estado. Aqueles que realizam estabelecem imediatamente a estratégia de como executar. Não se trata de analisar se está certo ou errado, trata-se de saber como aplicar. Assim, é o Estado que nacionaliza as clínicas privadas, para poder atingir o objectivo definido pelo Partido, que é colocar a Saúde ao serviço das massas. O Estado acaba com o comércio da Saúde, abre unidades de assistência médica, forma o pessoal. O Partido dá a orientação, o Estado estuda a estratégia e aplica-a.

Outro exemplo: quando lançamos a campanha de vacinações, o Partido sensibiliza o Povo sobre a importância das vacinas e, assim, concorre para o êxito da campanha. Mobiliza, organiza. Explica a importância das vacinas.

Só quando a preparação política é baixa é que podem surgir confusões entre as funções do Partido e as funções do Estado.

PAPEL DA CLASSE OPERÁRIA

Pergunta: *Nas condições concretas em que se desenvolve a caminhada do nosso País para o Socialismo, como é que a classe operária moçambicana assume e realiza a sua missão histórica de classe dirigente de toda a sociedade?*

Resposta: Em Outubro de 1976 fizemos uma reunião com os operários em Maputo, em que dissemos que cada fábrica devia ter a preocupação de se tornar produtora da consciência de classe. Como aplicar essa palavra de ordem?

Já temos os Conselhos de Produção, organização das classes trabalhadoras nas unidades de produção. Isso é um grande avanço.

Mas claro que não é possível, apenas três anos após a independência e menos de dois anos após a formação do Partido Marxista-Leninista, afirmarmos que em Moçambique a classe operária já assumiu o seu papel de classe dirigente. Seria falta de responsabilidade da nossa parte.

Mas os Conselhos de Produção já constituem um embrião. Ali conhecemos os trabalhadores, os operários conscientes. Através das metas, através da pontualidade, através do sentido de responsabilidade.

Mas pretender que a classe operária tivesse já assumido o papel dirigente seria esquecer a nossa história. Seria ignorar a história da luta do Povo moçambicano. Por que é que dizemos isto? A luta de libertação nacional, fundamentalmente, quem a desencadeou e desenvolveu? Foram os camponeses organizados. Aqui, no nosso País, os camponeses das zonas libertadas é que deram o exemplo de organização aos operários.

Na luta armada de libertação nacional, através da correcta mobilização, organização, explicação, educação política e justiça da linha política da FRELIMO, as massas camponesas ganharam um alto nível de consciência política que lhes permitiu não só derrotar o colonialismo português, mas também desencadear e vencer o combate contra os novos exploradores. É essa experiência de luta e de vida das zonas libertadas, que é sintetizada e aplicada em zonas não atingidas pela luta armada, essa experiência conjugada com o desenvolvimento da nossa indústria e com o enquadramento dos trabalhadores em Conselhos de Produ-

ção, contribuirá para um rápido crescimento da consciência de classe do operariado moçambicano, para que, em estreita aliança com os camponeses organizados, se possa, efectivamente, tornar a força dirigente da revolução e o principal agente transformador.

Em suma, não é o simples facto de ser operário que conta. Há operários com ideologia burguesa, há operários reacçãoários. Portanto não podemos dizer que, porque é operário, automaticamente já é revolucionário. O importante é uma prática organizativa e ideologicamente correcta para criar a consciência de classe.

A LUTA DE CLASSES NA FASE ACTUAL

Pergunta: *Na presente fase do nosso processo revolucionário, quais são as formas principais que assume a luta de classes no nosso País?*

Resposta: Em primeiro lugar, é preciso considerar sempre o inimigo forte, para poder estabelecer uma estratégia correcta de luta. É preciso não subestimar o inimigo e também não o sobrestimar.

Nós devemos, como princípio, subestimar o inimigo estrategicamente e tomá-lo a sério tacticamente.

Sabem, há um provérbio africano que diz que o elefante não consegue matar a formiga porque não a consegue ver. É tão pequena, tão pequena e o elefante tão grande. Mas a formiga, às vezes, mata o elefante. Conhecem esta história, não é verdade? A formiga entra na tromba do elefante, ou entra no ouvido e o elefante fica tão desesperado que acaba por morrer. Por isso não se pode subestimar o inimigo, mesmo quando parece pequeno.

O nosso inimigo de classe não actua isoladamente. É um elemento de ligação. Não podemos ver nele um inimigo fraco e isolado... É preciso medir toda a sua dimensão, as suas ligações, no mundo, quer dizer, ver no nosso inimigo constantemente o imperialismo, como combater o imperialismo.

O processo da luta de classes no nosso País está a demarcar e a isolar os reacçãoários de uma forma cada vez mais clara. Eles estão a ser desmascarados e desalojados do aparelho de Estado e do controlo da nossa economia.

Assistimos a este fenómeno, fenómeno exaltante, durante o processo eleitoral. Assistimos durante o processo de estruturação do Partido. Quer dizer: o Povo assumiu o combate, a dimensão do combate — desalojar os nossos inimigos de classe ao nível do Partido, ao nível do aparelho de Estado.

Isto tem como consequência passar-se para uma fase de confrontação aberta. Vocês dizem que o Smith está a dar os últimos coices, não é verdade? Pois são os maus perigosos. Estamos a passar para uma fase de confrontação aberta em que os inimigos de classe, os operários e camponeses, se aliam ao inimigo directo para nos agredirem.

A principal forma de luta de classes no nosso País é, por isso, a confrontação violenta. Tem que ser portanto essa a nossa forma de luta violenta.

Entretanto, ainda persistem as formas insidiosas de acção inimiga, que são a sabotagem económica, são as campanhas de descrédito contra as conquistas revolucionárias do nosso Povo, são as calúnias, são os boatos, são os rumores, são as intrigas. Esta é a forma subtil de acção do inimigo: denegrir o nosso processo revolucionário, dene-

grir a via que escolhemos, o socialismo científico.

É preciso que estejamos sempre prontos, porque a luta de classes é uma luta permanente. É preciso que estejamos sempre prontos a detectar e neutralizar o inimigo.

O COMBATE CULTURAL NO NOSSO PAÍS

Pergunta: O combate cultural assume nesta fase, tal como no passado, uma grande importância para o avanço da revolução. Como define as contradições que se manifestam hoje no campo cultural e como se inserem elas na luta pela consolidação da consciência nacional e pela construção do Socialismo?

Resposta: Começaríamos por definir o que é cultura, quem produz a cultura. Dizemos sempre categoricamente: Quem produz a cultura é o Povo. O Povo que nunca morre, que vive milhares de anos. Não são pessoas, um grupo. É o Povo. Os capitalistas não têm cultura. A cultura dos capitalistas é a exploração. Exploração, corrupção — corrupção da própria cultura do Povo.

Nunca vimos artistas produzidos pelos capitalistas. Todos os artistas vêm das camadas inferiores, vêm dos pobres. A pobreza, o sofrimento, a opressão, a dominação, a exploração, são as fontes que produzem a cultura. Por isso é que nunca vimos um capitalista cantar. Não tem voz. Vejamos os grandes cantores: De onde vêm? Vêm do Povo. Vimos aos grandes teatros, vamos assistir a um ballet, vamos lá procurar de onde vêm esses artistas, esses bailarinos... Todos eles vêm do Povo.

Por isso a questão cultural é a questão central para a revolução. É assim que respondemos a esta pergunta. Os problemas da cultura, em qualquer sociedade, são vastos e complexos. Para nós, falar de cultura implica em primeiro lugar cortar o cordão umbilical com a «metrópole».

Consideramos que, genericamente, a cultura seja um — o modo como, sem nenhum esforço de laboração mental, um Povo pensa, sente e se comporta, dois — o modo como vê e interpreta a natureza e a sociedade em que vive, três — o modo como percebe o papel do homem perante essa natureza e essa sociedade, quatro — o modo como age ou tenta agir para se realizar enquanto homem e enquanto Povo.

Em síntese, consideramos cultura de um Povo, a concepção que esse Povo tem do mundo e da vida, bem como do seu papel no conjunto desse mundo e dessa vida. Essa concepção é condicionada por vários factores, entre eles o modo e o grau de desenvolvimento da produção, que, por sua vez, determina a organização social e as correspondentes relações entre as várias camadas da sociedade, a natureza da classe no poder, o grau de desenvolvimento do conhecimento científico e técnico e, até, o contexto geográfico e climático.

Com a invasão portuguesa e a consequente ocupação do território nacional, a nossa cultura é calcada e asfixiada. Mas não morre. O Povo morreu? Alguma vez um Povo morre? A nossa cultura, nessa altura, hibernou. Ficou ali. Em termos médicos diríamos: transformou-se em micróbio anatóxico. Vive na água, vive no gelo, vive no frio; vive no calor, vive em todas as condições. É a capacidade da cultura. Calcada e asfixiada mas não morre.

Está aí o xigubo, está aí o chingomane — apareceram com o Governo de Transição, com a Independência. Mas onde é que foi aprender essa gente? Aqui dentro do Maputo. Não foi preciso inportar pessoas para virem ensinar. Não trouxemos artistas nenhuns de outras províncias para vir ensinar estas pessoas que estavam em confrontação directa com a cultura portuguesa. A cultura estava cá. Com a liberdade, também ela apareceu.

Com a ocupação a estrutura social não se transforma radicalmente. Mantém-se fundamentalmente feudal nos seus valores. Em grande parte do País o exercício do poder colonial é feito através dos régulos. Só o imposto, o trabalho forçado nas plantações e na construção de estradas e que representam no concreto a opressão colonial. Por isso, não se pode falar propriamente de infiltração cultural portuguesa, burguesa ou imperialista, ao nível da esmagadora maioria do Povo. Basta sair de Maputo, ir para Marracuene, ir para Boane, mesmo aqui perto. Em Maputo é que há a confrontação das culturas. Na Beira, um pouco. Mas quando saímos das cidades, o que é que encontramos? O contacto com a população era só através do trabalho forçado, através da paluatória, através do imposto.

Por isso colocamos esta questão: se há confrontação, se há contradição, onde está, onde se situa?

Entretanto, nas zonas onde residia a burguesia colonial, zonas de exercício directo do Poder pelos colonialistas, desencadeou-se o processo de despersonalização, de alienação, de assimilação, com imposição dos valores culturais da burguesia colonial e do imperialismo.

As pessoas cultas, aqui, eram aquelas que tinham ocasião de ir para Paris e trazer modas de vestir de Paris. «Ah, este é culto! Isto é cultura!» Blue jeans, música americana, sapatos xiconhoca. Grande cultura... Grande cultura essa: andar sujo, barba mal feita, cabelos compridos... É nas cidades que encontramos isso.

Assim, na época colonial-capitalista coexistiram dois tipos de cultura em Moçambique: um — nas imensas zonas rurais, onde a cultura da burguesia é totalmente desconhecida e até mesmo a língua portuguesa (há essa confusão: falar português, pronto, é cultura; educação e cultura, confundem-se as duas coisas); dois — nas zonas urbanas, onde o fenómeno de assimilação chega a tomar proporções desmedidas que vão desde o vestir, o cabelo desfrisado e a perda até à mudança de nomes. Conheço muitos que mudaram os nomes. Em Inhambane, por exemplo. Os Muandane mudaram para Mendes. Os Cossa, mudaram para Costa. Mbalane, mudaram para Belém. Complexos.

Nas zonas urbanas, os colonialistas, desenvolvendo embora as contradições tribais no seio dos moçambicanos, lutaram por incutir a cultura estrangeira, burguesa e imperialista, cujas raízes ainda hoje não extirpamos totalmente em alguns dos nossos compatriotas.

Após a fundação da FRELIMO, a sociedade moçambicana era: tribos, regiões e raças. E a fundação da FRELIMO e o seu primeiro Congresso, em 1962, que consagraram os conceitos de Povo moçambicano, Nação moçambicana, Unidade Nacional e luta pela Independência total e completa, internacionalismo proletário. Nasceu assim uma vanguarda do nosso Povo, que nos conduziria a transformar os conceitos numa força real.

É, no entanto, a luta armada que constitui o instrumento que vai forjar a unidade real do Povo moçambicano, unidade edificada no dia a dia, na coluna da marcha longa, no disparar sincronizado e concentrado no alvo comum. Unidade edificada na destruição, na abertura de uma cisterna. Unidade aprofundada no estudo da nossa História e Geografia, das leis do movimento das sociedades. Unidade edificada na narração do sofrimento comum, no canto, na dança, no poema, na escultura, no teatro, etc.

A luta armada, sobretudo quando se transformou em guerra popular revolucionária, produziu o Homem Novo em Moçambique. Moçambicanos, moçambicanos conscientes da sua própria personalidade, com confiança em si próprios, com orgulho de serem moçambicanos, com convicções e concepções claras e correctas sobre o mundo e a vida. A guerra popular revolucionária produziu a cultura popular e revolucionária, produziu a revolução cultural, a revolucionarização da nossa cultura. Por isso chamamos à luta armada um acto eminentemente cultural.

Deste modo a nossa auto-afirmação como um Povo, um Povo livre de escolher a via de desenvolvimento que deseja, livre de exercer independente e soberanamente o seu poder, livre de escolher os seus aliados e amigos, essa auto-afirmação é a nossa independência política, económica, social e, sublinhamos, base da nossa independência cultural. Este é o nosso ponto central.

A luta que hoje surge é a recusa do velho, que quer sobreviver, com os seus valores negativos que constituem peso morto. Ideias velhas, tradicionalistas, tribalistas, regionalistas, racistas. É este velho que quer sobreviver. É o velho esquecimento de pensamento, velhos hábitos, velhos costumes, velha cultura obscurantista, supersticiosa.

Portanto, as contradições de que falamos é a luta entre o velho e o novo, são valores decadentes que querem sobreviver.

Sobre a questão do corte do cordão umbilical com a «metrópole» destacamos três grupos no conjunto da nossa sociedade moçambicana.

Primeiro, a esmagadora maioria do Povo; segundo, os poucos que, sobretudo nas zonas urbanas e nos bancos da escola tiveram contacto com a burguesia e por ela se deixaram influenciar; terceiro — que é um ponto mais decisivo — a Direcção da Frelimo.

Para o Povo moçambicano em geral, não se coloca o problema de romper com a cultura burguesa e imperialista pois, simplesmente, a desconhece. Este grupo, o maior, tem sim que romper com os valores retrógrados da cultura tradicional-feudal e do obscurantismo religioso. Os operários, embora tenham vivido um grande tempo sob a dominação colonial portuguesa não desapareceram neles as características da nossa cultura, sempre mantiveram neles a nossa tradição cultural. E assim que vemos hoje os operários dançar. Quem lhes foi lá ensinar? Tem o ditamismo, precisamente porque são operários.

O segundo grupo: gente das cidades. Em geral, os instruídos e trabalhadores da função pública atarinham com maior ou menor saudosismo os valores decadentes e corruptos da burguesia. «Ah, mas qual é o qual disto, qual é a mal daquilo?» Quando há uma orientação que nos toca um pouquinho, a nossa reacção é: «Mas qual é o mal disto? Qual é o mal de dançar?»

Os instruídos e os funcionários encontram sempre justificações para manter os velhos valores. São ainda colonizados mentalmente, revelam uma mentalidade escrava ao estrangeiro, falta de confiança em si próprios e na capacidade criadora das massas, não acreditam, não confiam na capacidade de a nossa vanguarda, a Frelimo, desenvolver de uma forma original o marxismo-leninismo, com base nas nossas próprias experiências. Só o importado é que é bom. Nós não desprezamos as experiências dos outros mas é preciso primeiro assumir as nossas próprias experiências e valorizar as experiências dos outros de forma crítica.

Por fim, o terceiro grupo, constituído pela nossa Direcção. Foram produzidos pela guerra, houve abalos, houve problemas sérios para consolidar a Direcção. Tivemos esses problemas. E a Direcção soube romper, tanto com a cultura tradicional-feudal, como com a cultura burguesa. Mas foi preciso um combate, aceitar um combate. Pagámos caro. Cada indisciplina, uma gota de sangue; cada liberalismo, uma vida. Pagámos um preço caro.

Temos que ir ao Povo aprender. Só quando assumimos isso diminuímos os sacrifícios inúteis.

Por exemplo, se nós autorizarmos que se dance as danças burguesas em toda a parte, vão abandonar a nossa cultura. Se não houver um combate, vocês vão voltar a escrever daquela forma estereotipada para não serem entendidos. Na primeira reunião que fizemos com os jornalistas, na ex-Sociedade de Estudos, falámos nisso. Escrevem para quem? A informação é para quem? Quando fazem um artigo, o maior esforço, todo o talento, toda a energia, devem ser no sentido de comunicar-se com as pessoas. É uma questão cultural também.

Por isso nós rompemos com dois tipos de comportamento, o tradicional-feudal e o da cultura burguesa. Assim temos sido capazes de conduzir e ganhar rapidamente a maioria, porque a maioria identifica-se com este tipo de cultura que nós pretendemos desenvolver. Conhecedora profunda da complexidade e das características da nossa sociedade, a Frelimo soube enaltecer os valores positivos da nossa cultura, dos nossos antepassados, soube educar as massas no desenvolvimento desses valores, ligando-nos ao nosso passado e à nossa luta.

Mas ao mesmo tempo soube ensinar-nos os novos valores, fruto das nossas conquistas revolucionárias, de modo a torná-los nosso modo de pensar, modo de sentir e de agir.

Não há combate libertador, não há revolução, se a luta contra o domínio da burguesia não é lançada também na frente da cultura.

No nosso País, a luta contra a cultura da burguesia foi lançada e desenvolvida desde a luta armada de libertação nacional. Foram os resultados desta luta que permitiram o sucesso do Festival Nacional de Dança Popular, o nosso primeiro festival de cultura após a independência.

É certo que a unidade política do nosso Povo é incontestável. Mas a edificação do Estado popular democrático, a produção em unidades colectivas no campo, a planificação e organização da indústria ainda estão no início. A influência dos valores negativos da mentalidade e cultura tradicionais-feudais ainda está longe de ser ultrapassada. O nível de conhecimentos científicos e técnicos no seio das largas massas ainda é muito baixo. Para veicular

a ideologia do nosso Partido, bem como os avanços da ciência e da cultura no mundo, temos de o fazer por via oral porque a maior parte do Povo desconhece a língua da unidade nacional, não sabe ler, não sabe escrever, não sabe fazer as operações matemáticas rudimentares do cálculo e da medida.

Deste modo, é difícil desenvolver e consolidar uma cultura proletária, a cultura da nossa classe, em todas as suas implicações e dimensões, enquanto não ultrapassarmos as dificuldades que acabámos de referir.

Porém, o perigo de a burguesia interna fazer valer a sua cultura já não se coloca e muito menos a possibilidade de vivermos na esfera do controlo mental e cultural do imperialismo. O Povo exerce realmente o poder. Através do seu instrumento, o Estado, o Povo impõe a sua cultura ao conjunto da nossa sociedade.

Importa, no processo de consolidação da nossa independência, materializarmos o princípio de levar as classes trabalhadoras moçambicanas a vencerem a batalha na frente da ciência e da cultura. A luta armada e a revolução cultural, em Moçambique, iniciaram-se ao mesmo tempo. A revolução cultural em Moçambique começou no mesmo momento em que disparámos a primeira bala.

A maioria não viveu essa luta. Houve uma minoria que teve a possibilidade de se sentar no banco das escolas, de trabalhar nos escritórios. É entre estes que se encontram os que têm a concepção errada da cultura. A luta agora é a revolução cultural, é o escangalhamento da cultura colonial. É isto o que eu queria dizer sobre o ponto da cultura.

PERSPECTIVAS ECONÓMICAS DE MOÇAMBIQUE

Pergunta: No contexto das Directivas Económicas e Sociais do III Congresso da FRELIMO, como define as perspectivas económicas do nosso País até 1980?

Resposta: Em termos gerais as Directivas Económicas e Sociais apontam para a necessidade de se atingir até fins de 1980 os níveis de produção de 1973.

O III Congresso definiu, assim, orientações concretas para se avançar na organização, planificação e direcção da economia. Para isso, criámos a Comissão Nacional do Plano, reforçámos o sector económico do aparelho de Estado, com a criação de novos Ministérios e da Secretaria de Estado das Pescas.

Controlámos nestes quase dois anos, desde o III Congresso, cada vez mais sectores vitais da nossa economia como o carvão, o petróleo, o açúcar, a totalidade das importações e exportações. Enfrentamos, como é natural, as dificuldades inerentes a um país que acaba de se libertar do colonialismo, de um país em vias de desenvolvimento.

Nós temos problemas sérios. O colonialismo português em Moçambique, desenvolveu o analfabetismo. Sabem qual o número de médicos moçambicanos? Imaginem isto: somos onze milhões a doze milhões de habitantes e temos cerca de sessenta médicos moçambicanos... Ao nível da Universidade, quanto professores moçambicanos estão lá? Quantos professores liceais há aqui? Como atingir as Directivas, realizar de uma maneira firme as directivas económicas, com tanto analfabetismo?

Mesmo professores qualificados para o ensino primário, quantos temos?

Em outros países colonizados quando os colonialistas saíram o nível médio estava preenchido. Em todos os países de colonização inglesa e francesa o ensino secundário estava generalizado, a formação de cursos médios generalizada. E aqui?

Podemos criar muitas estruturas, mas essas estruturas vão ser inoperantes. As estruturas são pessoas. Vamos lá criar por exemplo um Ministério só para o gás, um Ministério para o carvão, um Ministério para a indústria pesada, onde estão os quadros? É preciso preencher com quadros capazes de planificar, realizar, levar as ideias da Direcção até à base. Aqui está o nosso problema sério, quando queremos criar estruturas.

Desde 1977 que se generalizou na nossa economia a recuperação da produção em todos os sectores. Em 1978, essa tendência acentuou-se e irá aumentar. Para isso contribuiu, sobretudo no que se refere às empresas intervencionadas e às empresas estatais, um maior nível de organização, uma maior capacidade de direcção, um maior grau de consciência de classe.

Viram a experiência de Chôkwé. Há projectos grandes para a produção de trigo, há projectos grandes para a produção de café, para aumentar a capacidade de produzir açúcar.

As perspectivas do nosso País até 1980 são boas de avanço, de crescimento. As metas fixadas pelo III Congresso serão cumpridas na quase totalidade. Dizemos quase, precisamente, por causa dos quadros.

Uma herança pesada de analfabetismo, obscurantismo. Por isso todos nós devíamos ser alfabetizados e voluntários para as escolas secundárias. É verdade que interrompemos o ensino secundário para criar cursos propedéuticos mas precisamos também de fazer funcionar as escolas até à décima primeira classe. Porém onde estão os professores, de onde virão os quadros para a realização destas tarefas?

Como grandes projectos a que devemos dar grande atenção até 1980 e que se encontram em fase de arranque ou mesmo de conclusão, temos o projecto de regadio do vale do Limpopo, onde no próximo ano serão construídos mais doze mil hectares de regadio; o projecto agro-industrial de Angónia com sessenta mil hectares na fase inicial; a estrada Centro-Nordeste a concluir até 1980; a grande fábrica de equipamento agrícola na Bena, a primeira ofensiva da indústria pesada; as fábricas de têxteis de Montenuz e Mocuba; a estação troposférica de Massinga que ligará directamente a maioria das capitais de província, a concluir em meados do próximo ano.

CONTRADIÇÕES CIDADE-CAMPO

Pergunta: Numa situação em que são ainda muito agudas as contradições entre a cidade e o campo, quais são as principais manifestações dessas contradições nesta fase e qual é o papel das Aldeias Comunas na consolidação da aliança operário-camponesa e no desenvolvimento equilibrado e harmonioso de todo o País?

Resposta: Começamos por negar que sejam agudas as contradições entre a cidade e o campo no Moçambique de 1978. A cidade já não é a grande devoradora do trabalho do campo, nem o campo é a reserva de mão-de-obra para as indústrias e plantações capitalistas.

Há diferenças de desenvolvimento das zonas rurais e das zonas urbanas, mas essas diferenças já não são fruto de uma exploração. O trabalho da classe operária, as máquinas construídas, os objectos construídos, o trabalho dos investigadores, dos planificadores, já começa a beneficiar as zonas rurais com melhores sementes, na localização da água, nas campanhas de vacinação, e em certas zonas na construção de barragens e regadios, etc..

A face do nosso campo modifica-se. Hoje, mais de dez por cento do campesinato já trabalha em empresas estatais agrícolas ou em cooperativas. Cerca de um terço do campesinato já trabalha em formas embrionárias de cooperativas. As relações capitalistas ou feudais de produção praticamente desapareceram das zonas rurais em favor das relações socialistas de produção.

A Aldeia Comunal não é uma mera aglomeração de gente. Ela ultrapassa o simples por termo à dispersão tradicional das zonas rurais. Ela é um novo tipo de aglomeração humana porque se funda exclusivamente em relações socialistas de produção baseadas quer na propriedade estatal, quer na propriedade cooperativa. A superior divisão do trabalho conduz a uma rápida acumulação e financia a mecanização do campo. Isso é mais visível nas empresas estatais onde o camponês tradicional se transforma num operário que trabalha no campo.

PRESTÍGIO INTERNACIONAL DA RPM

Pergunta: Em 1978 consolidou-se o prestígio da RPM no plano internacional. Quais as acções que considera mais significativas em termos de política internacional?

Resposta: Começamos por historiar o prestígio da Frelimo desde a luta armada de libertação nacional, por causa da clareza nas ideias, clareza na definição dos amigos, na definição dos inimigos, na definição dos alvos e na definição da nossa política de desenvolvimento. A FRELIMO foi sempre consequente na sua política internacional. Assim ganhámos prestígio.

Em Moçambique houve derrota das forças coloniais, a derrota de um exército. Isso ficou bem marcado não só para a África, mas para todas as forças progressistas do mundo, particularmente na Europa: a derrota, o colapso do exército colonial em Moçambique. Agora estamos envolvidos na luta pelo desenvolvimento económico.

Quando proclamámos a Independência, a República Popular de Moçambique torna-se um destacamento avançado na zona.

Nascemos já fortes e afirmamo-nos ao nível internacional. Há uma afirmação de Moçambique com uma personalidade vinda que se foi consolidando ao longo da guerra. Há o envolvimento do nosso Povo na luta do Zimbábue, o apoio à luta de outros povos, sempre na procura de soluções justas para os grandes problemas.

As acções mais significativas da nossa política internacional em 1978, foram a consolidação das nossas relações a nível de Partido e de Estado com os países socialistas e com alguns países africanos. A Frelimo e a República Popular de Moçambique assinaram acordos de grande importância e de projecção futura com vários países socialistas. Sublinhamos, pelo seu significado e dimensão, os tratados de amizade e cooperação com a República Popular e Democrática da Coreia, com a República Popular da Bulgária e com a República Popular de Angola.

Foram também significativas as visitas à República Popular de Moçambique de chefes de Estados africanos e de países socialistas.

Também durante o ano de 1978 reforçámos a nossa cooperação com os países nórdicos e abrimos novas perspectivas de cooperação com alguns países da Europa Ocidental, como por exemplo a Itália.

O nosso País participou activamente nas acções internacionais relativas à libertação da Namíbia e Zimbábue, na neutralização das manobras destinadas a implantar regimes fantoches naqueles dois territórios e na luta contra o apartheid. Consequentemente com o nosso princípio da Independência dos povos e com a nossa solidariedade para com o movimento de libertação, intensificamos durante o ano de 1978, o nosso apoio às lutas da República Árabe Democrática do Sahara e da República Democrática de Timor-Leste, contra o expansionismo e o anexionismo.

Diríamos em grandes linhas: a República Popular de Moçambique, a nível internacional, participou e deu uma grande contribuição para a solução dos grandes problemas, nomeadamente dos conflitos gerados pelo imperialismo — a República Popular de Moçambique participou na busca de soluções correctas. No Médio Oriente nós condenamos o expansionismo sionista. Sobre a Coreia, nós entendemos que não há duas Coreias, há uma Coreia. A ideia de duas Coreias é uma criação do imperialismo. Do mesmo modo, na Ásia, a questão de Taiwan, Moçambique está presente na América Latina contra os regimes fascistas, nós somos pela luta do Povo da Nicarágua. Estas posições trazem prestígio para Moçambique.

Durante este período Moçambique aprofundou e desenvolveu relações económicas com muitos países, havendo a salientar os sucessos da FACIM e a nossa participação em vários certames internacionais.

A nível de organizações internacionais consideramos uma vitória a decisão do «Bureau» do Movimento dos Não-Alinhados, de realizar nos princípios do próximo ano em Maputo uma reunião extraordinária sobre a Libertação da África Austral. O nosso papel também é activo ao nível dos Não-Alinhados.

A RPM NO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO MUNDIAL

Pergunta: Como define a posição da República Popular de Moçambique no seio do movimento revolucionário mundial?

Resposta: Consideramos que o movimento revolucionário mundial comporta como factores mais significativos

o Movimento de Libertação e a construção do Socialismo. Primeiro, as nossas relações com o Movimento de Libertação: as experiências da Frente de Libertação de Moçambique estão ainda vivas, as feridas ainda estão frescas. Assim, a República Popular de Moçambique tem uma sensibilidade especial, uma sensibilidade aguda para a questão da libertação.

O nosso papel é importante na fronteira da liberdade entre a África independente e os regimes de opressão colonial e racista da África Austral. Isto contribui para que definamos o Movimento de Libertação Nacional como nosso aliado fundamental.

Servimos de retaguarda imediata do Movimento de Libertação Nacional na África Austral e também apoiamos as lutas de libertação noutras zonas do mundo como na Ásia, no Médio Oriente, na América Latina e com muita incidência, em África.

No contexto da Revolução Socialista, a história da FRELIMO e da República Popular de Moçambique já é um importante contributo para a teoria e prática da Revolução Socialista mundial. Pela correcteza da linha política, pelas consequentes acções a nível interno, pelas suas posições coerentes a nível internacional, a República Popular de Moçambique ganha um crescente respeito e admiração no seio da comunidade socialista e do movimento revolucionário mundial.

O nosso papel é continuar a produzir uma contribuição criadora para a teoria e prática do marxismo-leninismo, no contexto da presente etapa histórica e das condições concretas do nosso País e da nossa zona, sem contudo desprezar as contribuições dadas pelos revolucionários de outras épocas e outros países.

SITUAÇÃO NO ZIMBABWE

Pergunta: Como caracteriza a situação no Zimbábue depois dos últimos acontecimentos, nomeadamente o tipo de agressões que o regime de Ian Smith está a fazer contra Moçambique actualmente?

Resposta: As agressões do regime racista — este é o ponto central — visam essencialmente a desestabilização do nosso Estado. Em segundo lugar, são para impedir o desenvolvimento económico do país integrando-o assim na órbita imperialista, na dependência total do imperialismo. Terceiro ponto, são para provar que o Socialismo em África não é possível. Isto para que as ideias revolucionárias, as ideias do socialismo, não penetrem no Zimbábue, não penetrem noutras zonas. Quarto: o tipo de agressões que hoje o regime racista e ilegal faz a Moçambique, a natureza dos objectivos que são atacados, revela o desenvolvimento rápido e organizado da luta no Zimbábue por um lado; por outro lado, já não é Ian Smith que faz as agressões. Ian Smith é um simples instrumento. A verdadeira agressão é imperialista. O imperialismo está na vanguarda das agressões aproveitando-se de Ian Smith.

Em quinto lugar, as agressões têm por objectivo criar um estado de tensão e insegurança, particularmente no seio dos cooperantes que nos vêm ajudar de forma a não materializarem o seu internacionalismo para com a República Popular de Moçambique.

O imperialismo internacional tem a responsabilidade nestas actuais agressões do regime de Ian Smith. Mas isto não altera a correlação de forças, não diminui o nosso apoio, o nosso engajamento. Antes pelo contrário — reforça-o.

Por isso, nós dizemos que na África Austral a situação é extremamente favorável às forças de libertação e tende a melhorar. Derrotamos os colonialistas portugueses e imediatamente Vorster, o mais racista, Smith, o mais boçal, o tabaqueiro, aceitam pela primeira vez na história o Governo de maioria no Zimbabwe, aceitam a libertação de prisioneiros políticos no Zimbabwe. Para quê? Para ganhar tempo, para o imperialismo se reorganizar.

O imperialismo tem esta capacidade de sintetizar muito rapidamente as experiências, as derrotas.

Portanto, a situação no Zimbabwe é favorável. Isto acontece porque a luta armada foi assumida como a única via de verdadeira transformação no Zimbabwe. Entre os factores que determinaram este desenvolvimento positivo, vemos o aumento da capacidade política e combativa dos movimentos de libertação. Vemos a adesão entusiástica da população ao identificar-se com a luta. Hoje, é o Povo que dá informações, que faz reconhecimento, e o Povo que alimenta os combatentes — quer dizer, está assumindo o novo carácter da luta no Zimbabwe. Vemos também a consolidação do apoio internacional à luta armada por certos sectores tradicionalmente conservadores.

No Zimbabwe hoje não se resolve o problema sem que primeiramente se aceite o princípio da existência da guerra para se negociar o "cessar fogo". Não se atinge a Independência no Zimbabwe sem passar pelas negociações do "cessar fogo". É preciso arranjar água para apagar o fogo, não acham?

Vemos a condenação universal das soluções fantoches. Quer dizer, nem os fantoches hoje servem no Zimbabwe. Já são incapazes. Smith já não é solução para o imperialismo, diríamos que é um contagioso, é um leproso. De modo que é rejeitado, tarde ou cedo será a própria Frente Rodésiana a expulsar Ian Smith porque está ultrapassado pelo vento da História.

Vemos por outro lado o aumento da capacidade defensiva de Moçambique e demais países que constituem a retaguarda segura para a luta de libertação. Por isso, no Zimbabwe, a Frente Patriótica está agora presente e activa em quase todo o território e com uma implantação popular sólida e inabalável.

A independência do Zimbabwe lá não pode ser atribuída a uma pretensa compreensão, a uma boa vontade de Ian Smith, a uma boa vontade do imperialismo. Quer dizer, o imperialismo já não vai ditar soluções.

A Independência do Zimbabwe será conquistada pelos zimbabueanos a preço de vidas e sacrifícios. A Frente Patriótica trava hoje um combate não só contra o colonialismo, mas também, devemos sublinhar bem, contra o próprio neocolonialismo, representado pelos fantoches.

Não se deve desprezar o inimigo, mas quanto assim podemos desde já afir-

mar que o desenvolvimento da luta armada no Zimbabwe tem conseguido neutralizar as manobras do imperialismo.

É nossa convicção que o povo do Zimbabwe prepara-se, não para a proclamação da independência amanhã; prepara-se, sim, para uma guerra popular prolongada. E, esta guerra popular prolongada, interiorizada pelo Povo, assumida plenamente pelo Povo, transformar-se-á numa verdadeira Revolução. Sabem, há fases e etapas. Não é toda a luta que é revolucionária logo no início.

Fala-se da possibilidade de uma intervenção militar directa do imperialismo, mas essa experiência já fracassou em muitos outros pontos do globo terrestre. A presença física de forças estrangeiras mercenárias, como tivemos ocasião de ver no Vietname, Laos, Kampuchea e ultimamente em Angola, fracassou.

O ano de 1978 foi um ano em que na África Austral se agudizaram as contradições entre os verdadeiros e os falsos nacionalistas. Este foi o ano em que se desmascararam e isolaram os traidores.

PRINCIPAIS TAREFAS DO POVO MOÇAMBICANO EM 1979

Pergunta: Entramos agora no ano de 1979. Que tarefas principais se colocam ao Povo moçambicano para o ano que agora começa?

Resposta: Consolidação das nossas conquistas ao longo dos três anos de Independência. Esta é que é a tarefa essencial.

Desde a data da Independência até agora o Povo moçambicano esteve engajado nas tarefas prementes da criação de instrumentos capazes de estender o exercício do poder às largas massas. Desde a data da Independência o Povo moçambicano esteve engajado no levantamento das suas potencialidades e capacidades e insuficiências e no estabelecimento de uma estratégia de desenvolvimento.

As vitórias recentes que culminaram no processo eleitoral, na estruturação do Partido e do Aparelho de Estado, na criação de bases para o exercício da justiça popular e no início da planificação, constituem um sólido ponto de partida para a solução correcta dos principais problemas do País.

No ano novo a nossa tarefa principal é utilizar os instrumentos criados para travar vitoriosamente o combate contra a fome, nudez, doença, ignorância e obscurantismo.

Isso significa lutar por uma melhor assistência nos hospitais, lutar contra o esbanjamento e a sabotagem nas empresas, lutar contra a ineficácia e o burocratismo nas repartições, lutar por uma melhor gestão da nossa economia. Em resumo, isso significa fazer funcionar as estruturas do Partido a todos os níveis.

As Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado do povo, efectuaram um enorme salto qualitativo no processo de transformação da guerrilha clássica para um exército regular dotado de meios técnicos, preparação e organização mais sofisticadas. As Forças Populares de Libertação de Moçambique, fiéis às ricas tradições da Luta Armada de Libertação Nacional,

deram provas de determinação e heroísmo rechaçando repetidos ataques inimigos. É sua tarefa aumentar ainda mais a sua preparação política e combativa de modo a proporcionarem sempre um melhor exemplo de perseverança e determinação para todo o Povo.

Todas estas tarefas poderão ser cumpridas se a Frelimo, nosso Partido de Vanguarda, estiver devidamente organizado e estruturado. Devemos pois dinamizar as estruturas da Frelimo para garantir o nosso crescimento impetuoso.

Em resumo diremos: trata-se da consolidação das nossas conquistas. Portanto, no próximo ano, a nossa tarefa é a consolidação das vitórias e das conquistas e a eliminação das nossas insuficiências.

(De: "Notícias" Maputo, 1979-01-02)